

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PRÓPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE MARÇO DE 1917

ANO I—N.º 17

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO
ANO..... 1\$00 BRAZIL
SEMESTRE 500 ANO..... 7\$000
NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO DA ABEGOARIA, 28 — TELEPHONE 2337-C. — LISBOA

A SUPRESSÃO DE COMBOIOS NO SUL E SUESTE

JÁ por duas vezes aqui lamentámos a pouca atenção que aos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste merece a comodidade dos passageiros. E hoje temos, com magua, mais a lamentar o golpe final dado ao já pouco conforto com que aos viajantes lhe era permitido fazer viagens n'aquella rede ferro-viaria.

Não queremos discutir a falta de carvão, se ella é filha da imprevidencia, se da mera fatalidade, mas custamos acreditar que o serviço de movimento adopta-se, n'esta hora afflictiva, um meio tão pouco logico para resolver o assumpto.

Devemos porém acrescentar que não é nossa intenção, dar lições a quem as não precisa, ou não as devia precisar, mas parece-nos, a medida tomada, de pouco acerto.

Era preciso reduzir comboios, que se reduzissem, mas que fossem tomadas em conta as comodidades dos passageiros, não os deixando só com comboios nocturnos, que, se são impróprios para uma longa viagem, peor o são para as pequenas distancias.

De Lisboa para o Sul não ha nenhum comboio antes das 18,5 horas mas ha logo outro com o mesmo destino ás 20,10, que serve toda a rede, sendo aquele um desdobramento d'este.

No sentido inverso ha só um comboio que chega ás 7,10 e outro que fica no Barreiro, onde chega ás 10,19, sendo tambem o tributario d'aquelle.

A Evora só é permitido chegar-se á meia noite e 39 minutos, a Beja entre a meia noite e a uma hora, a Extremoz ás 3,23 da manhã, a Vila Viçosa ás 3,55, a Móra ás 2,50! E a

partida d'estes pontos é tambem a horas bem improprias, como vae ver-se: 2,20, 2, 23,46, 23, 23,21. Quer dizer durante o dia não ha um só comboio que circule em toda a vasta rede do sul.

Perguntamos nós agora, quem se arriscará a fazer uma viagem a Arayolos, onde chega á 1,44, a Redondo, para chegar a Evora ás 0,39, e depois fazer uma longa travessia de 34 kilometros de estrada?

Quem partirá de Alcacer do Sal, a horas mortas, para pernhoitar n'uma diligencia, e vir apanhar o comboio ao Poceirão ás 5,25 da manhã?

Ninguem!

Depois o serviço interno da linha é uma barbaridade! Como se pôde hoje fazer viagens de Alcaçovas e Cuba, a Beja, de Extremoz a Evora ou a Vila Viçosa, sem a perda de duas noites, e de longas horas nas estações á espera do comboio, ou então em viagens nocturnas pelas extensas charnecas nos desconfortaveis carros alentejanos, em demanda da estação do Caminho de Ferro! As redes ferroviarias não se fizeram só para aproximar as grandes distancias, mas tambem para servir os povos locais, com viagens comodas e faveis, de forma a que o tempo seja bem aproveitado.

Quer o caminho de ferro resolver — mas contra os seus interesses — a crise economica nacional, obrigando os viajantes a fazer economias, ficando em casa.

Parece-nos que havendo entre Barreiro e Faro, 2 comboios, um omnibus, e outro mixto, se podia resolver o assumpto, continuando o omnibus,

a circular de noite e o mixto de dia partindo de Lisboa pela manhã, levando passageiros para as linhas de Evora, Móra e toda a linha do Sul. No regresso, partir tambem de Faro pela manhã para estar em Lisboa á noite, trazendo passageiros de todos aqueles pontos.

Se não ha carvão para comboios expressos que se façam mixtos, mas esses de fórma a satisfazer os interesses do publico.

Mas não o entendeu assim, o serviço de movimento d'aquella importante rede ferroviaria, pois tão aferrado está á imitação dos comboios n.º 9/15 da Companhia Portugueza, que não teve duvida em a manter, não olhando aos graves inconvenientes que isso trazia ao publico.

Melhor fez o Minho e Douro, que suprimiu os comboios rapidos, deixando aos passageiros os comboios omnibus com carruagens de todas as classes.

No Sul e Sueste então deixam-se os comboios roneiros de 3.ª classe para que os passageiros utilizem os omnibus, pagando bilhete de 2.ª, isto é claro para fazer receita. E por outro lado suprimem-se comboios, comodos, para diminuir-a.

Esta não lembrava ao diabo.

Bem sabemos que prégamos n'um deserto, mas se o meritissimo Conselho de Administração e o digno director d'aquellas linhas, nos dessem ouvidos, com aquella ponderação e intelligencia com que teem resolvido outros assumptos, muito teriam a lucrar não só as receitas do caminho de ferro, mas tambem os passageiros, e até o turismo, que apesar da quadra economica não ser boa, muita gente vae ao Algarve e ao Alemtejo admirar o que de interessante teem as duas provincias, que seja dito de passagem, tem coisas mais curiosas que muita gente supõe.

ATRAZOS NOSSOS

Na «Gazeta dos Caminhos de Ferro» encontramos este excellento artigo, certamente da pena do seu illustre Director, cujo thema n'ele tratado nós dispênsa um artigo que tencionavamos fazer sobre mesmo o assumpto

É triste profundamente triste, ter que confessar o estado de atraso do nosso paiz, em comparação com as outras nações da Europa e da America!

Para que não dizer francamente, n'estas horas de desanimo que nos invade a alma, quando verificamos que isso é um facto e facto sem remedio, esperavel ao menos. — E' o nosso solo improductivo? De forma alguma; a fertilidade é a sua característica, facilitada por um clima temperado, que podia fazer de Portugal o paiz mais agricola do mundo; e não obstante, comquanto nos digamos paiz agricola, temos que ser subsidiados pelos outros, e quando d'estes não podemos receber a principal base de alimentação da raça caucasica — o pão, o trigo — falta-nos o trigo, o pão!

Não nosso sub-solo não temos mineraes? Temo-los em abundancia; contam-se por milhares os registos de minas por quasi toda a parte, mas o maior numero d'esses registos não passaram do papel; no ministerio: não exploramos o sub-solo e contentamo-nos em pedir ao estrangeiro o mineral que temos aqui sob os nossos pés. E quando nos falta esse *auxilio*, esse *beneficio* que pagamos caro... falta-nos a luz, falta-nos a energia para fazer trabalhar a machina, falta-nos o elemento principal para aviventar a industria.

Mas se nos falta a hulha negra, deu-nos a natureza a branca, em abundantes quedas de alguns rios, mas... Mas lá estão na sua faina incessante e inutil sem que uma eclusa lhes multiplique a utilidade, sem que uma turbina lhes aproveite o esforço.

E queixamo-nos da falta de luz, de energia motriz!

Faltam-nos materias primas para sermos um paiz industrial? Algumas nos faltam; mas de outras temos abundancia, e não obstante, quantas d'essas, as exportamos em bruto, para que os outros as trabalhem e no-las reenviem em artefacto, pelo qual pagamos o primitivo producto que vendemos, sobrecarregado com frêtes, lucros e commissões, e o trabalho que os outros exerceram sobre elle, transformando-o, emtanto que nós ficamos com o ocio e sem o ouro... que tambem pedimos emprestado, a forte juro.

Exportamos cacau e importamos chocolates; exportamos cortiça e importamos ro-lhas; exportamos minerios e importamos metaes!

Temos bellas cidades, lindas pela natureza, que as inunda de sol, pitorescas pelo alcantilado da sua situação; temos montes do alto dos quaes os panoramas são vastos e esplendidos; temos ravinhas alcantiladas; temos grutas... onde os mais arrojados não penetram; temos um povo bom, hospitaleiro, e uma lingua em cujas modulações ha o encanto das suas origens mescladas da suavidade latina e das energicas inflexões do grego e do arabe.

E não temos o turismo, e raros são os que, destacando-se dos seus paizes em busca de recreio, em viagens de prazer, veem aqui passar o seu tempo. Porque não temos condições para lhes dar commodidades e attractivos que elles exigem, nem estra-

das bem pavimentadas para os seus autos; nem hotéis bem confortaveis para os seus corpos; nem diversões bem atrahentes para o seu espirito.

Estas faltas, que tanto se notaram já desde muito e a que a injiciativa e as canceiras de alguns devotados tanto procuravam dar remedio, sem o conseguirem, estão hoje grandemente agravadas por motivo da maldita hecatombe em que a Europa se embrenhou.

Com cidades sem luz e alimentadas a pão de milho, não ha que pensar em turistas — nem um só cá teremos enquanto nos mantivermos n'esta desgraçada situação!

D'este desequilibrio economico, constante, persistente desde longos anos, d'este vicio incorrigivel, irremediavel, resulta o descalabro das nossas finanças, o desequilibrio da nossa vida collectiva, a situação de inferioridade em que nos vemos perante os outros povos.

E' assim que enquanto os paizes que ha dois anos sustentam uma guerra extenuante que os faz dispendir milhares de contos diariamente, pouco affectados tem os seus cambios, nós que apenas temos fido uns preparativos de guerra, que só agora começamos a entrar na lucta, temos os cambios muito mais aggravados — aggravados ao extremo.

Enquanto Paris s/ Londres cota 27,75 isto é um agio de 11 1/2%, e Londres s/ Nova York 4,75 ou seja 5 1/2%, o cheque s/ Paris vale entre nós 822 ou seja o agio de 52 1/2%, e o s/ Londres 31 1/2 isto é com o agio de 69 1/2%.

Falta-nos tino administrativo como nos falta actividade, iniciativa. Por questão climaterica?

Nos paizes frios trabalha-se para aquecer e nós que temos o clima temperado, não precisamos trabalhar com tanto afan...

Mas não é o nosso ambiente tão callido que tal justifique; temos regiões menos que temperadas, e nem ahí o trabalho productivo se intensifica.

Falta de iniciativa dos Governos, proclamam as opposições — falta de iniciativa particular, exclamam os governantes — falta de iniciativa de todos, governos e governados, falta de actividade, falta de tino de todos, reconhecemos nós, que não temos politica.

Somos, evidentemente fadados pela nossa posição geographica, o caos da Europa para as Americas; devia ser aqui, no porto de Lisboa, o ponto de escala obrigatoria de toda a navegação transatlantica: enchemos o espaço com a nossa phrase consagrada «os nossos irmãos d'além mar» e se os vamos visitar ou elles cá veem, se lhe mandamos os nossos productos ou recebemos os d'elles, é por intermedio da navegação estrangeira — sempre subsidiarios da actividade extranha que nos leva a carne e nos deixa o osso d'este cadaver da patria, que nós proprios deixamos estiolar lentamente, continuamente.

Tentou-se uma empresa de navegação para o Brazil, e fomos tão maus administradores que ella pouco durou e finou-se com enormes prejuizos.

E entretanto, outras companhias estrangeiras, prosperaram e progrediram de uma forma extraordinaria fazendo... o que nós não quizemos ou não sobemos fazer.

E ha do outro lado do Atlantico enormes fortunas que não duvidariam associar-se para a formação de uma companhia lizo-brazileira ou brazil-luzitana, que fizesse o

transporte entre os dois paizes que tanto se amam, que tem a mesma lingua e os mesmos costumes.

E o viajante, de lá ou de cá, que tem de transportar-se de uma a outra margem do oceano, lá vem ou vac elle, governado por timoneiros estrangeiros, servindo por creados estrangeiros; tendo, ou que fallar estrangeiro também ou que depender de que elles lhe fallem um portuguez de má pronuncia.

Sempre a superioridade do extranho; sempre a nossa dependencia dos demais paizes que, não sabemos porque, são sempre nossos auxiliares.

E quando elles não tomam a direcção do trabalho, de que nós, podemos ser mandantes somos mandados, o desastre administrativo é vulgar.

Uns pequenos exemplos demonstram a grave enfermidade que sempre padecemos. Teve Lisboa uma companhia de tremvias por força animal. Pouco tempo depois a descoberta de Edison resolve o problema da tracção electrica, e todas as cidades estrangeiras, até pequenas vilas mesmo, apressam-se em adoptar o novo systema de tracção, muito mais economico, mais comodo e mais rapido.

Era intuitivo que, no nosso meio, a transformação do systema era de resultados securissimos. Estava-se em finades do seculo passado e a situação financeira era desafogada; o cambio sobre Londres e sobre Nova York, onde teriam que adquirir-se os materiaes necessarios (e talvez mesmo na Belgica, ou na Alemanha, ou na Suissa ainda se obtivessem mais baratos) era respectivamente de 39 1/2 e 181/10.

Havia, no paiz, fortunas que, sem sacrificio, podiam constituir o capital de uma grande companhia para esse fim.

Pois teve que se recorrer aos capitais ingleses, e ahí temos uma companhia estrangeira a lucrar o que por todos os motivos devia ficar entre nós.

Com os telephones o mesmo se dá, ainda em mais agravadas condições. Por toda a parte esta industria pertence ao Estado, do que resultam enormes vantagens: para este, porque aproveita em grande parte os mesmos postes da rede telegraphica, porque tem na sua mão todos os meios de comunicação da palavra em todo o paiz; para o publico, porque sendo pelo Estado constituida uma grande rede, a instalação e a exploração resultam muito mais economicas, e portanto o seu custo para os particulares é infinitamente reduzido.

Em tempos mostrámos que preço infimo (o\$800) tem o serviço telephonico a Suecia; um illustre engenheiro, director dos Telegraphos, o malogrado Benjamin Cabral, demonstrou-nos um dia que o Estado poderia, ainda com lucro bem remunerador, fornecer aparelhos e serviço telephonico em qualquer ponto do continente portuguez á razão de uns modestos 188.000 reis por ano.

Pois se temos uma rede telephonica em Lisboa e outra no Porto, foi porque uma companhia estrangeira as fundou e explora, fazendo pagar o seu serviço por mais do duplo d'aquelle preço.

E do Estado apenas temos umas linhas, pobres e mal servidas, entre Lisboa e Santarem, Coimbra, Figueira e Setubal. O resto do paiz ainda não foi digno de gosar de tal melhoramento que, nas outras nações, está instalado até nas pequenas aldeias! Sem falar da Suecia, o paiz onde este meio de transmissão da palavra tem o seu principal imperio; onde até as servicas tem o seu aparelho, na cozinha, para serviço de compras, veja-se a enorme e completa rede telephonica da vizinha Hespanha, que põe em comunicação todo o paiz.

E se dos telephones passamos ao telegra-

pho sem fio, o mundial T. S. F., é desolador o nosso atrazo.

Emquanto que todos os paizes civilizados estão já hoje ligados entre si por este systema, ele está, entre nós, apenas na infancia. Fala-se já de Madrid para toda a Europa e com as mais longuinquas estações marítimas; de Lisboa, aparte uma pequena instalação militar, nem se fala... para Almada. Espera-se ainda que se instale uma estação radio-telegraphica no Porto para umas não longas distancias, e eis tudo, A

prodigiosa invenção de Marconi pouco mais tem servido entre nós do que para alguns debates politicos.

Porque de politica é só do que tratamos; n'esse ponto somos superiores a todos os paizes; é a nossa obscação.

A satyra com que Juvenal desdenhou dos romanos *Panen et circenses* pôde traduzir-se, entre nós, por *pão e politica*.

Pão, mesmo, vamos já tendo pouco; mas, em compensação, cada vez temos mais politica.

O TURISMO EM PORTUGAL

É com a mais intensa satisfação que constatamos o entusiasmo que se vem manifestando pela idea do desenvolvimento do turismo em Portugal; e esse facto constitui motivo sufficiente para encorajarmos ainda mais, se é possível, as boas-vontades que vamos encontrando no nosso caminho e que uma falta de cohesão tornava improduttivamente dispersas e até negativamente productivas.

O problema da expansão da industria do turismo é tão complexo, como vasto; e se entre todos os factores que lhe dão ser não houver a mais perfeita harmonia e a mais racional e util conjugação; se elles não se ligarem pela mais natural sequencia e se a sua equação não for paralelamente progressiva, os resultados a auferir serão pouco compensadores para o esforço individual e de nenhum valor para o beneficio commum.

Afigura-se-nos, pois, imprescindivel dar unidade aos primordiales elementos, para que a sua acção, n'uma intelligencia perfeita e em completa communhão, se expanda grandemente e produza os effeitos indispensaveis ao desembaraçamento da vitalidade portugueza, inerte por mil e uma peias, retrograda por vícios hereditarios e atrophada por todo o pezo d'um incomparavel e incomprehensivel desanimo.

E' condição essencial desabrochar a esperteza d'este outr'ora bom povo, no sentido de ser util a si-proprio e a Patria sua mãe. E' obrigação immediata dos responsáveis desta triste situação em que vivemos — e todos nós somos! — despertar proveitosamente as energias que se estão estiolando n'uma desoladora improficuidade. E' mister que entremos de vez no caminho dignificador da pratica dos nossos recursos, explorando conscienciosamente a nossa sciencia da vida e extrahindo resultados proveitosos do nosso trabalho honesto e serio, persistente e fecundo.

Para isso necessario se torna uma

sã, criteriosa e auctorizada direcção, com largos poderes e vasta latitude, afim de agir efficazmente.

Estão já constituidos os dois elementos primordiales que acima nos referimos. São elles a Repartição de Turismo e a benemerita Sociedade de Propaganda de Portugal, duas entidades officiaes, como tal instituidas e reconhecidas. Sejamos nós o seu multiplo ou divisor constante, ou o seu humilde complemento, ou, ainda, se assim o entenderem, o seu órgão officioso na imprensa; na certeza porem, de que, se da nossa acção individual não surgirem os effeitos desejados, isso não significará que, da parte da «Revista de Turismo» não haja a mais decidida boa vontade, o mais vehemente desejo e o mais comprovado esforço no desempenho da missão que lhe incumbe, mas dever-se-ha attribuir esse — facto a — dar-se tão sómente a fraqueza das nossas forças...

Tentemos, entretanto, pôr á prova toda a nossa energia, porque — estamos muito esperançados — conseguiremos construir esse grandiloquo edificio — que é a industria do turismo — sobre os alicerces em que elle deve assentar; e se não tivermos já tempo de disfructarmos os seus directos beneficios, restar-nos-ha, ao menos, a satisfação de legarmos aos nossos successores uma obra que os honrará e que maior e mais esplendoroso tornará, ainda, o seu nome de Portuguezes.

Trabalhemos todos, só e unicamente para o engrandecimento da nossa Patria, esforçando-se cada um por melhor cumprir o dever que lhe compete. Se em toda a parte se encontrar facil, decidida e entusiastica cooperação, quer na acção individual ou seja na missão collectiva, a tarefa do resurgimento da nossa actividade e da nossa riqueza será tanto mais facil quanto maior e mais proveitosa for sendo.

O turismo depende de tudo e de

todos. O commercio, a industria, as artes, as sciencias e as lettras, são factores componentes d'esse inexgotavel manancial de riqueza que levou a felicidade e o equilibrio economico á França, á Suissa, á Italia e a tantos outros paizes, cujas condições exceptionaes do seu solo e as bellezas naturais e artificiaes foram sabia e proficuzamente aproveitadas.

Portugal é pela sua natureza, um paiz invejavel para a exploração da industria do turismo; e se em todas as manifestações da nossa actividade não se attender ao seu aproveitamento, melhor será então — nós proprios — declararmo-nos fóra do circulo das nações civilizadas.

JOSÉ LISBOA

Em Penacova

PENACOVA, essa linda povoação visinha da poetica Coimbra, onde o Mondego espraia as suas mais cariciosas ondas, vae surgir do mysticismo do seu doce viver, engalanando-se para receber os seus visitantes, que, sem duvida, serão todos os que, viajando por distracção em Portugal, procurem conhecer de perto os balsamos tonificadores para o nosso encantado viver.

Assim — segundo nos conta o *Jornal de Penacova*, acha-se já concluido o revestimento do *Mirante Emygdio da Silva*, com soberbos *panneaux* em azulejos, da auctoria do distincto architecto sr. Raul Lino.

Esta obra, bem como outras para o embelezamento d'esta ridente villa, e que se acham já projectadas, são devidas á iniciativa da Camara Municipal d'aquelle Concelho, que assim mostra ter comprehendido a sua delicada missão.

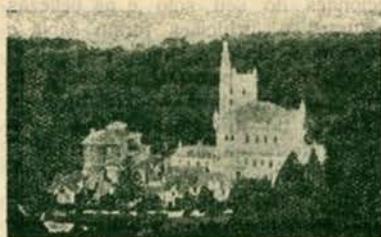
Brevemente vão começar os trabalhos das fundações da «Pergola» que o mesmo illustre artista projectou para o largo Alberto Leitão, ficando um dos seus lados com bancos e alegretes sobre o Mondego.

Muito folgamos em dar esta noticia, e oxalá ella sirva de incentivo á maioria dos municipios portuguezes, que se occupam mais de coisas de politiquice, que de engrandecer a terra cuja administração lhes está confiada.

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, Largo da Abegoaria, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra e Figueira da Foz.

PAISAGENS PORTUGUEZAS

O BUSSACO



BUSSACO - VISTA DA MATA E HOTEL

MAI diria Marquez de Pombal ao desterrar para as matas do Bussaco os Meninos de Palhavã, que um século depois, seriam aquelas serras o supremo encanto de tantos e tantos viajantes de prazer!

E também quantos viajantes, aborrecidos, aos alvôres da madrugada, ao deitar a cabeça de fóra da janela do comboio, com receio da nevoa que envolve a mata, desconhecem que ali sob aquele manto de arminho, ha um rincão das mais doces paisagens da nossa terra bem dita.

E enquanto as rodas do comboio gemem nas curvas apertadas da linha e a machina suspira de cansada para vencer as rampas extensas da serra,

o passageiro descobre, lá em cima, a torre manuelina do hotel de luxo, como um lenço branco a chamal-o, mal calcula também que ali junto ao secular convento mãos de artista ergueram nos rendilhados de pedra do famoso hotel, um padrão de gloria aos tempos heroicos da India e das viagens através dos mares desconhecidos.

Mas viajante timorato vem comigo, até ao alto da serra onde a vista se perde pelo oceano distante, pelas quebradas das montanhas, e por esses rios ao longe beijando os salgueiraes amourosos, que lá de cima verás como a nossa terra é grande e como a nossa paisagem é surpreendente.

Da estação ao Luso, a deliciosa sala de espera da grande mata, uma estrada agrinaldada de verdura nos conduz na alegria da passarada que desperta, sacudindo o orvalho dos ramos pendentes.

Um kilometro andado, estamos na bacia do Luso, com os seus chalets, alegres e sorridentes, os seus cedros seculares, e a sua nascente impetuosa de deliciosa agua, onde tantos doentes vão procurar alivios aos seus males.

Uma estrada bem empedrada levamos ao portão gradeado da mata, e depois serpenteando através do arvoredo alto e solitario, que ás vezes o vento faz gemer com magua, como n'uma dôr de angustia, mas deixa penetrar entre os seus ramos, sem folhas, esse sol bemdito que nos aquece e nos afaga, vae-nos deixar na fonte fria entre a escadaria, que leva ao hotel e ao convento dos monges carmelitas, com os seus bancos, onde os



BUSSACO - HOTEL DA MATA

frades se estiravam ao sol na doçura da santa paz do ermo.

No inverno as altas copas do arvoredo, nú, abriga-nos da rigeza do vento norte, deixa-nos penetrar as caricias do sol, e nas quentes tardes de

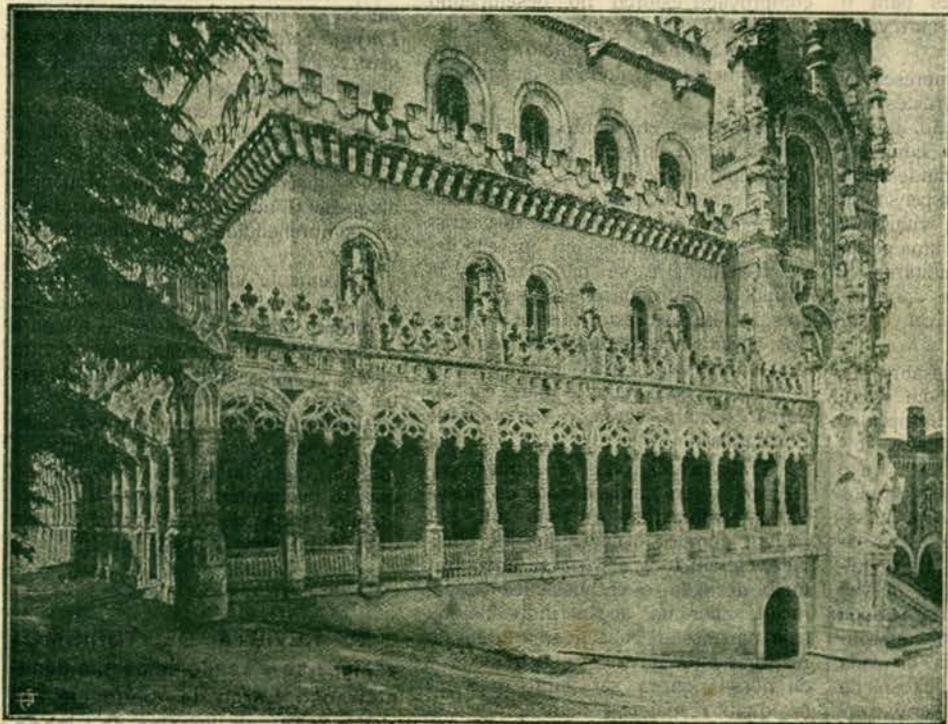
agosto estende-nos um manto de sombra, de deliciosa frescura.

Entremos no hotel, grandiosa e solemne recordação da arte manuelina, admirar os soberbos paineis de azulejos, com paginas da nossa velha epopeia, devido ao pincel de Col-laço e de outros pintores de vulto.

Em volta, cyprestes indigenas, esguios, fazem sentinela ao grande e soberbo palacio da arte, como antigos guerreiros, em vigilia na guerra santa dos cruzados.

Vamos agora á fonte da Samaritana, á casa de Calfaz, á capela de Annás, á porta do Cedro e ás outras capelas dos eremitas, espalhadas pela mata, junto dos cedros gigantes, entre os fetos arboreos de exotica beleza.

A viagem é curta, mas as paragens compassa-



BUSSACO - UM ASPECTO DO HOTEL DA MATA

das de admiração são tão contínuas que tarde chegaremos lá acima; mas deixá-lo, subamos ainda á esplanada onde a aguja napoleónica começou a quebrar as suas azas de glória com o revez da formidável batalha, em que um punhado de portugueses deram o rude golpe na famosa legião de Massena.

Lá estão as peças, lá está o chão sagrado, lá está o obelisco, como uma pagina da historia aberta a atestar o grande feito.

Vamos depressa á Cruz Alta, vêr morrer, ao longe o sol, na extensão azulada do oceano, que começa agora a descer, deixando-nos reflexos doirados nas encostas do Bussaco, pulvilho de ouro entre o arvoredo, e na extensa facha rubra a subir do oceano a imagem da altivez da nossa raça e a bondade pacífica do nosso povo.

GUERRA MAIO

O PORTO DE LISBOA

Ao que nos consta, o governo vai realizar um empréstimo de dez mil contos para as obras que, a Exploração do Porto de Lisboa, vai desenvolver com a expansão do nosso porto.

Assim o entendeu aquela Administração, olhando com olhos de vêr, para o progresso a que está destinado o movimento marítimo do nosso paiz, após a guerra europea.

A abertura do canal do Panamá, e a vidade dos viajantes brasileiros, argentinos, e do Pacífico — já aqui o dissémos — na ancia soffrega de admirar os destroços da terrível contenda, dará motivo a encherem-se todos os vapores que demandem a Europa não se olhando a preços.

E' pois preciso que o nosso porto esteja preparado para os receber de

mação da doca de Alcantara em via de conclusão.

Mas era preciso, mais, muito mais



UM VAPOR ATRACADO AO POSTO DE DESINFECÇÃO

e como as economias da E. P. L. não chegaram para tanto, lançou-se mão do empréstimo, a que nos referimos, que é, como vae ver-se, com o fim de tornar o nosso porto um dos primeiros do mundo!

Cerca de 3.000 metros de caes acostaveis, disporá pois em breve o porto de Lisboa, na doca de Alcantara poderão entrar vapores de 30 pés de calado um novo caes será construído a leste Santa Apollonia com 900 metros para serviço das

mercadorias chegadas pelos caminhos de ferro de Norte e Leste, também a rampa empedrada que vae do caneiro de Alcantara até á Torre de Belem será transformada em muralha acostavel, para serviço do porto franco, e junto á Rocha do Conde d'Obidos, vão ser construídos três carreiras para construção de navios mercantes de 8.000 toneladas; a actual

doca de 180 metros será ampliada com mais 50 metros de comprimento, sendo também construídas mais duas pequenas para a reparação de navios de pesca, rebocadores e navios de vela.

No que toca ao serviço dos grandes paquetes, já dentro dois mezes poderá ser melhorado, pois será aberta á exploração a grande doca de Alcantara, onde poderão entrar vapores em todas as marés, e sem perigo dos temporales.

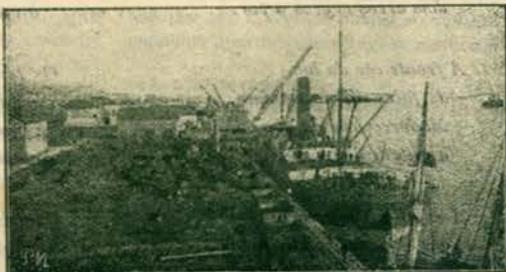
Nas suas muralhas, que tem mais de 2.000 metros em toda a volta, poderão atracar os vapores de grande tonelagem que até agora encostavam ao lado exterior. A' entrada, que fica junto ao Posto de Desinfecção, vae ser applicada uma ponte de movimento com destino a peões, vagões, trens e carros electricos.

Registamos, pois, com prazer, os progressos do Porto de Lisboa, que bem demonstra a actividade com que a sua Direcção procura corresponder ao seu progresso, que, antes da guerra, tinha tomado taes proporções, que a percentagem da tonelagem dos vapores e navios de vela entrados foi, maior que em nenhum outro porto do mundo.

Touring Club de France

RECEBEMOS o interessante numero da «Revue Mensuelle» do Touring Club de France, relativo a Novembro-Dezembro de 1916, em amavel resposta á oferta que fizémos da troca da nossa Revista com o órgão official do referido Club.

Devido á falta de gaz que se tem feito sentir intensamente e que muito tem afectado os trabalhos nas nossas oficinas, fomos forçados a distribuir este nosso numero com um pequeno atrazo; o que, sem duvida nos será relevado pelos nossos assignantes e leitores.



OUTRO VAPOR ATRACADO



«O VAPOR «PORTUGAL» ENTRANDO NA DOCA

fôrma a que todos fiquem convencidos ser o nosso Porto Ocidental, o caes da Europa.

Da parte dos caminhos de ferro, muito se tem feito nos ultimos anos para melhorar o serviço de Lisboa-Paris, objectivo de todos os viajantes.

Por outro lado o Porto de Lisboa, não tem descurado o seu papel, já removendo as mil e umas difficuldades, que embaraçam os viajantes, já alargando a zona de caes acostaveis, com a construção de novas muralhas, e ainda a obra colossal da transfor-

ARTE E LITERATURA

NO SERÃO

POESIA DE FERNANDO CALDEIRA

São os teus olhos, menina
Dois gominhos de maçã...
Quem me dera a mim trincal-os
Em jejum pela manhã

Cant. popul.

E o serão começou. Tudo é festejo...
Rompe a banza de Paulo alegre arpejo...

—E agora, ó da fiada, haja quem toque—
diz Theresita. Diz, e o seu galante
aquella voz, que o intima,
ergue o chapéu,
encara o ceu,
prepara a voz, mais a rima,
desce o bordado, sobe a prima,
e canta.

A violeta está bem alta,
mas por alta nada perde,
a voz a mim não me falta;
vou cantar a canção verde.

O caminha ó verde canna,
ó filha do carnaval,
eu namoro uma tricana,
mas em bem, que nenja em mal.

Não tem o sol ondas de ouro,
ao descahir no sol posto
como as do cabelo loiro,
que lhe inlinda todo o rosto

Os olhos—duas estrelas
e da cor da noite o olhar,
mal desunidos sobre ellas
dois arcos negros a par.

A fronte cor da lua,
as faces cor da manhã...
Madurece cor da sua
a pelle de uma maçã.

A boquita, conjecturo
que lh'a fizeram as fadas
das metades orvalhadas
de um morango bem maduro.

Por isso, quando succede
respirar-lhe a gente a falla,
morre-se a gente de sede
e, o que appeteece, é trincal-a.

Tam pequena, tam pequena,
que a gente ás vezes nem sabe,
quando suspira de pena
se um ai! por ella lhe cabe!

Não vem no rio pedrinhas
a rebolar nas correntes
tam lustrosas, tam branquinhas,
como o esmalte dos seus dentes.

Nem ha no raiar do dia,
quando a estrella empallidece,
não ha n'aquella alegria,
que ao seu sorrir amanece!

O pescoço cor da neve
dá nas vistas pela alteza.
Rosas de tal gentileza,
querem hastil que as eieve.

De descahidos, coitados!
os hombros dá pena vel-os,
talvez de tam carregados
com o peso dos cabellos.

D'uma vez enamorado
o amor pousou-lhe no seio,
é, aquelle doce embalado,
adormeceu-lhe no meio.

Tem umas mãos tam pequenas,
que não se me dava um dia
de lhes dar um beijo apenas,
a ver se o beijo cabia.

Os pésinhos tomam banho
em duas gotas d'orvalho!
vejam d'aquelle tamanho,
quando a lavam, que trabalho!

Quando canta na ribeira,
de sóias arregaçadas,
fieam as aguas paradas
a adorar a lavadeira.

E d'ali até aos mares
tudo são conversas ternas
sobre miragens de olhares,
sobre esculturas de pernas.

Mas retrato seu perfeito
não tem ella um, senão
aqui dentro do meu peito
gravado no coração.



O SOL DE OUTOMNO

DE AMADEU PINTO

Dormita a Natureza enlanguescida
Aos raios doentes d'este sol de Outomno,
Que a beija n'um adeus de despedida
Autes de a abandonar, adormecida,
Sob as neves do inverno—em longo somno.

Pelas sébes, á beira dos caminhos,
Pelas varzeas, neyoentas de tristeza,
Já não se ouve cantar dentro dos ninhos;
Vogam no ceu as nuvens cor de arminhos
Como eysnes n'um lago de turqueza.

Junto aos velhos alpendres, sobre as eiras,
Reluz doirado o milho das espigas;
Não se cruzam nos campos as ceifeiras
Lançando ao ar as notas prazenteiras,
Das suas limpidas, joviaes cantigas.

Fogem no azul em longas revoadas
As andorinhas que nos vão deixando
Ao chegarem as frias alvoradas;
E a nostalgia invade-me ás golphadas
Ao ver partir o alegre e doido bando.

E' que assim doidas são as esperanças
E assim alegres são as ilusões;
Erguem o vôo como as pombas mansas
E não voltam depois aos corações.

As esperanças, essas, vão seguindo
Da phantasia as caprichosas linhas
Num vago sonho que parece infundo;
Feliz aquele que as não vir fugindo,
Como fogem no Outomno as andorinhas!

O AVANÇO DA HORA

PORTUGAL, a partir do 1.º do corrente mez, segundo um decreto do Governo, conta mais 60 minutos sobre a hora legal e estabelecida quasi universalmente, ou seja a do meridiano de Greenwich.

Essa medida que se explica na situação anormal que atravessamos, era muito sensata se não fosse um pouco extemporanea e se os seus resultados correspondessem aos efeitos desejados; mas, infelizmente, tal não succede, porque n'este Paiz, a par d'uma idéa que pode ser util e trazer vantagens de incontestavel valôr, surgem logo outras que desmancham por completo a acção benéfica d'aquella. Isto é: criam-se agentes e reagentes, d'onde se conclue antecipadamente que o resultado da idéa—tomada em sentido proveitoso—manifesta-se nullo. Assim, visando esse decreto principalmente a uma economia no consumo dos combustiveis illuminantes, permite-se, todavia, que os espectaculos publicos terminem uma hora mais tarde, ou seja á hora anterior á actual. E o que, n'este capitulo se torna mais comico, é o facto do movimento dos carros electricos e dos comboios de cintura e que dão serventia aos arredores de Lisboa, acabar ás vinte e tres e meia (como soe dizer-se officialmente), isto é—meia hora antes de terminarem aquelles espectaculos...

Em compensação, porém, os restaurantes encerram-se ás vinte e tres horas, succedendo que os passageiros chegados a Lisboa pelos comboios de longo curso, só teem (os que podem fazer-lo) o recurso dos hoteis—que estejam devidamente auctorizados a fornecer comida depois d'aquella hora—se quizerem reconfortar o vazio estomago; restando-lhes, ainda, como premio de consolação por chegarem tão cedo a Lisboa, a surpresa *agradavel* de pagarem por preços exorbitantes, ás carruagens e automoveis, a condução para os seus destinos, por não terem já outro meio de que se sirvam—salvo o de transitarem a *pedibus calcantibus*.

Accresce, ainda, o inconveniente das ligações internacionaes, que se fazem a horas desconexas, porque as outras nações—onde impera um mais ponderado senso—esperam uma melhor oportunidade para decretar qualquer medida.

D'esta sorte, os embaraços que semelhante estado de coisas causa a quem viaja, são sobremaneira apreciaveis e de levar em conta nos pro-

grammas de viagem que se possam esboçar.

Bem sabemos que o tempo não está muito propicio a viagens de recreio; mas devemos ter em consideração que, actualmente, a maioria das pessoas, fa-las por necessidade, não dispensando, contudo, as commodidades de que, possivelmente, se pode rodear.

Succede ainda que, pela nova hora, o dia começa na sua madrugada, quando os primeiros alvôres do sol, annunciados pelos gorgeios das aves, apenas teem calor para acalentar a natureza morta e pouca energia para acordar os vivos; porque estes—ao abrirem os olhos—vendo-se ainda envoltos na doce neblina matinal, espreguiçam-se e... voltam-se para o outro lado...

Por todas estas razões, devemos convir que o decreto não só foi muito opportuno, como de efficaz effeito...

Para obviar a algumas das anomalias resultantes do avanço da hora, o Sr. Dr. José de Athayde, illustre Director da Repartição de Turismo, expoz ao Sr. Ministro do Trabalho as medidas que lhe pareceu deverem ser immediatamente postas em pratica, no sentido, principalmente, de se attender ás commodidades dos passageiros chegados a Lisboa depois da hora do encerramento geral dos estabelecimentos.

Exposição de Belas-Artes

A Empreza arrendataria do Palacio de Crystal do Porto, projecta levar a effeito, no proximo mez de julho, a realisação d'um grande certamen de bellas-artes, para o que conta com o valioso concurso dos nossos mais insignes artistas.

N'essa exposição—a primeira que, no genero, se realisa em Portugal—devem figurar trabalhos de valôr incontestavel e obras de grande vulto que se acham dispersas por museus, collectividades e em poder de particulares, da auctoria de artistas portuguezes; os quaes pensam reuni-las para esse fim.

A effectivar-se essa genial idéa, cujo valôr é indiscutivel, ella só merecerá o applauso unanime, e terá a sua consagração no brilhante resultado que, sem duvida, ha de obter. Pela nossa parte não lhe regatearemos o merecido louvôr e auxiliaremos, tanto quanto em nossas forças couber, a sua justa propaganda.

A «REVISTA DE TURISMO» E A IMPRENSA

CONTINUAM os nossos illustres collegas, quer da Capital quer da Provincia, fazendo elogiosas referencias aos nossos numeros, o que não só nos é muito agradavel constatar, mas, tambem, nos torna devidores do nosso indelevel reconhecimento.

Devemos, porem, especialisar com a nossa maior gratidão os importantes e respeitabilissimos periodicos de Lisboa, «A Nação» e o «Jornal do Commercio e das Colonias» que, relativamente á publicação do nosso ultimo numero, inseriram as seguintes noticias:

D'«A Nação»:

Revista de Turismo—Recebemos o n.º 16 d'esta interessante e patriótica Revista, referido a 20 do corrente mez, o qual contem um bello texto acompanhado de nitidas e mimosas gravuras.

O numero 15, d'esta esplendida Revista exgotou-se por completo, tendo sido feita uma nova edição.

Este facto prova bem o agrado com que ella tem sido recebida pelo publico.

A *Revista de Turismo* encontra-se á venda em todas as livrarias, onde tambem se póde tomar a assignatura, ou na sua administração, largo da Abegoaria, 28.

Do «Jornal do Commercio»:

Revista de Turismo—Só hoje nos é possivel fazer referencia ao n.º 16 d'esta excelente Revista, que continua sahindo com a maior regularidade.

Nitidamente impressa, a *Revista de Turismo* tem o seu futuro garantido, não só pelo seu interesse e utilidade, como pela maneira como é apresentada, sendo um primor typografico e artistico.

Os *Jornal d'Abrantes*, *Jornal de Cantanhede*, *A Fraternidade*, *Damião de Goes*, *O Benaventense*, *A Flôr do Tamega*, *o Noticias d'Evora* e *o Sul* tambem se nos referem amavelmente, publicando o ultimo a noticia que vamos trascrever:

Revista de Turismo—Recebemos o n.º 16 desta interessante e muito util Revista.

A «Revista de Turismo» apresenta-se cada vez melhor, variando as suas secções, com um subido criterio, pouco vulgar no nosso paiz em publicações d'aquelle genero.

Faz progressos e isso mostra que o publico lhe tem dado todo o apreço que legitimamente a interessante Revista merece.

A todos os nossos muito prezados collegas endereçamos, pois, a expressão do nosso sincero agradecimento.

EXPEDIENTE

Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do paiz.

O MISTÉRIO

DA

LAGOA DE MINDE E MIRA
E SUAS CAVERNAS ADJACENTES

Continuação do n.º 16 (pág. 127)

Meditação no topo da Serra de Minde

Pois Sólon, como os altos pensadores,
Aos seus concidadãos só disse em verso,
Do Tejo o mais obscuro dos doutores
Diga do Alviela em tom cânoro e terço.

Mais que o problema dos canais de Marte,
Mais que de Júpiter a mancha rubra,
Ao Homem importa a Terra em toda a parte,
E que os seus grãos mistérios descubra.

Não será fácil escutar de vez
Redes que Minde enlaça sob a Terra?
Istmo não se rasgou lá no Suez?
Túnel não vai ligar França a Inglaterra?

Não poderá dilúvio de milhões
Prender, em linha reta, Ocaso e Aurora?
Maravilhas vindoiras gerações
Hão-de operar que ninguém sonha agora.

Se o homem voador já no etéreo espaço,
E em submarino alcança o outro hemisfério,
Por que não ha-de, com florestas de aço,
Impôr da Terra ao centro o seu Império?

De hoje a verdade é amanhã mentira,
O sonho de ontem é já realidade.
Do Parnaso a missão, de oiro na lira,
E' antecipar a eterna claridade.

Não serás, no longínquo futuro,
Homem, o explorador superficial,
Que hoje separa misterioso muro,
Dos abismos do centro esferoidal.

Com Inos, em louvor da Natureza,
Duram dos *Rishis* os sagrados Vedas,
Cheios de entusiasmo e esplendidez,
Bem superiores aos famosos Eddas.

Descrevem-nos, com génio, a toda a hora,
As forças e feições da Creação,
Sol, Vento, Nuvens, Tempestade, Aurora.
Que potente, sublime inspiração!

Laboratório químico — eis a Terra.
Sem cessar manipula os Elementos.
Não perde grão que o seu escriptorio encerra.
Tudo transformá em rápidos momentos.

Bebem trombas mui salsa a água do Oceano,
Mas lá do Empírio baixa a Terra doce.
Sendo, qual mar revoltado, o ouvido humano,
Sempre filtro bondoso a lingua fosse!

Róscio amanhã é lago, é rio, é oceano!
De agora o adubo é em breve a rosa, o lírio!
Gira a seiva frenética todo o ano,
Como a Terra em seu torno, e o Sol no Empírio.

Sempre do alto a descer, fertilizando,
Tu és, ó Água, o símbolo da Humildade!
A Nuvem, no berço do Ar, vae-te embalando,
Do Amor emblema eterno e da Bondade.

Que corras subterrânea e te transformes,
Não produz pasmus, esplêndida Lagoa;
Chámas-te Alviela além? Ah! Nunca dormes,
Para saciar a sófrega Lisboa.

De Plínio o avô da esposa era de Améria,
Sobre um seu lago, em *Vadimonium*. Ítemos: (1)
«Transpõe-se os mares, com despesa séria,
Peores cousas por ver que em casa temos.»

Ao mesmo sábio perguntou Trajano (?)
Donde seus cabedais um lago hauria;
Levado ao mar por navegável cano,
Se de exausto ficar perigo havia.

Donde vem, onde vão, tuas águas, Minde?
Eis problema suspenso há infindos anos.
Santa Speleologia! E' tempo! Vinde!
Elucidar os Plínios e Trajanos.

Se nos *Telhados Grandes* brota o *Alviela*
(Do arabe *albaila*, cousa passageira?)
Em serrana vertente altiva e bela,
Ramo de *Albardos*, sítio da *Loureira*,

Da serra de Potello o seio undoso,
Mereceira em Lisboa ter altares,
Por ser a linfa o bem mais precioso,
Que de qualquer cidade encanta os lares.

De Nereidas e Naidés salve escriptorio!
Ninfas! Coortes de aquáticas beldades!
Nunen est fontis, bem disseste, Plínio,
Nos mananciaes tem trono divindades.

Salve, *Arethusa*, Homérico florão,
Lá do Hélicon ao pé a de *Hypocrene*,
E tu, *Vaucluse*, cerca de Avinhão,
De Petrarca a constancia ino perene;

Castaba, mãe de Pythios furores!
Da *Virge*, em Josafat, a de Sião!
Do poético Mondego a dos *Amores*!
E, na linda Queluz, a do *Dragão*!

ALFREDO ANSÚRIO
(Continúa)

(1) Plínio, *Lion VIII*, *Carta XX*.(2) *Idem*, *Livro X*, *Cartas 50, 51, 69 e 70*.MUSEU
Rafael Bordalo Pinheiro

A ilustre e conceituada «Renascença» do Porto ofereceu a este «Museu» um precioso desenho do glorioso artista Antonio Carneiro; o sr. Saavedra Machado destina ao mesmo «Museu» um soberbo trabalho, sanguinea, representando também o genial caricaturista, que se chama Raphael Bordalo Pinheiro.

O sr. Raul Xavier, ofereceu um busto do mesmo grande artista, com uma modelação primorosa reveladora do pojante talento do seu generoso autor.

A acrescentar á lista dos protectores do «Museu» ha as seguintes pessoas:

D. Maria Bruschy Scola, D. Sophia de Sousa Viterbo, Antonio Carneiro, Raul Xavier, Saavedra Machado, Nunes Colares, Gonzaga Gomes, José Pedro (Praia da Nazareth), Antonio Vieira Caldas, Augusto José Baptista, José Duarte Frazão, Mario Antunes Leitão e «Renascença», Porto.

CONSULTAS

Esta secção é destinada a consultas dos nossos estimados leitores, sobre viagens, excursões, hotéis a preferir, trajectos a precorrer, e sobre todos os assumptos que se ligam com o turismo.